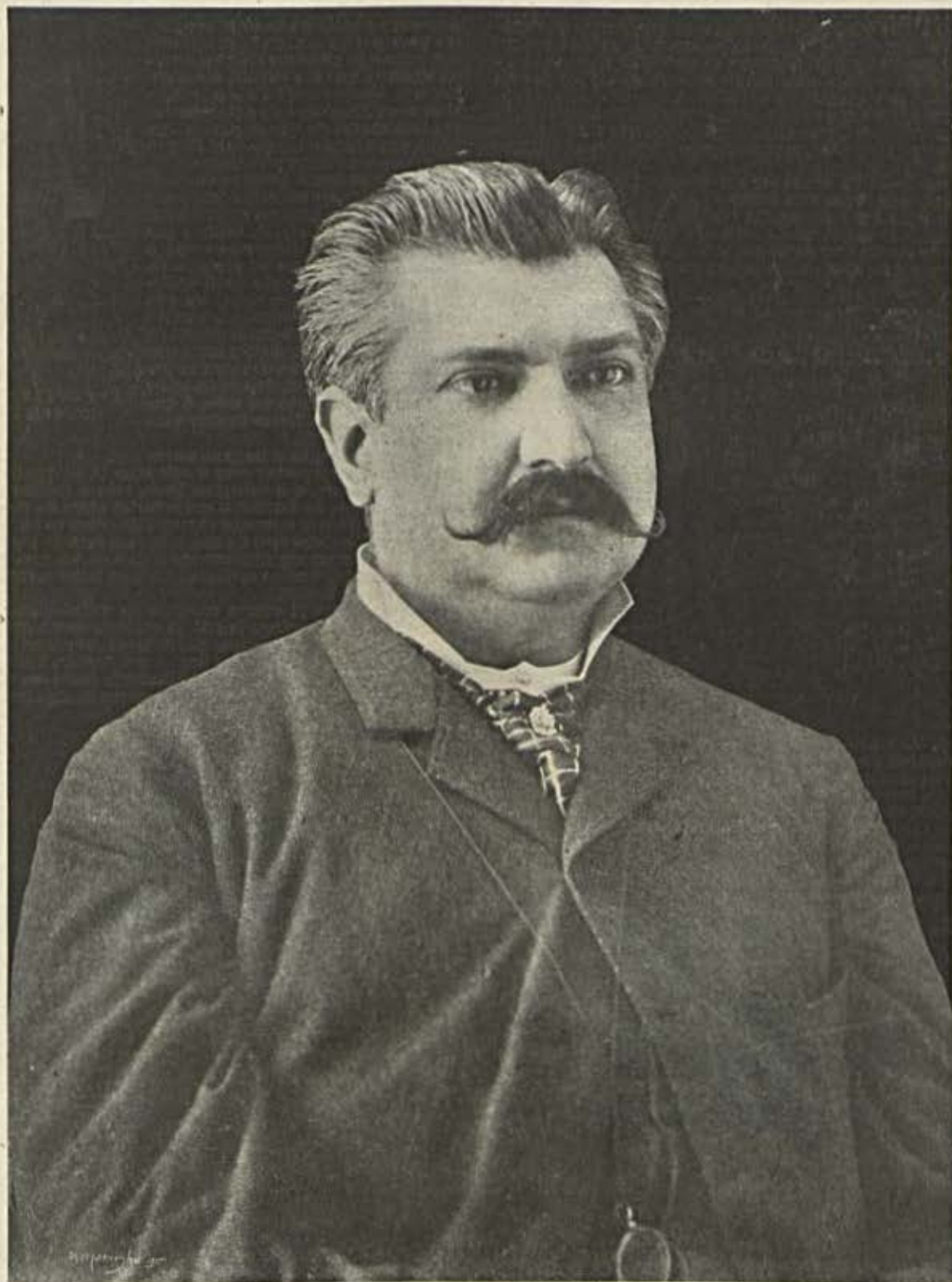


BRASIL-PORTUGAL

16 DE ABRIL DE 1904

N.º 126



Manuel Pinheiro Chagas

† a 8 de abril de 1890

PINHEIRO CHAGAS

Por muitos annos o seu espirito illuminou a nossa terra, o seu nome é e será sempre uma gloria d'ella.

Polygrapho, o mais extraordinario de quantos produziu o seculo XIX, pode dizer-se que nenhum caminho da actividade intellectual lhe foi vedado.

Da farça jocosa ao drama pungitivo, do leve folhetim ao editorial profundo, do poeta ao historiador, do delicadissimo burilador da lingua ao romancista imaginoso e fecundo, Pinheiro Chagas abordou todos os generos, batalhou em todos os campos, em todos elles triumphou, elle só foi uma litteratura inteira, foi, no dizer de Antonio Ennes, o unico representante da tradição garrettiana.

Orador de raça, elevou-se ás culminancias da eloquencia moderna, e quer falasse n'uma academia de sabios, quer combatesse os adversarios ou defendesse os seus na tribuna parlamentar, quer na sua cadeira de professor desenvolvesse perante os seus discipulos os ensinamentos da litteratura grega, quer deante de estrangeiros pozesse em relevo as glorias de Portugal nos rendilhados de uma arte inegualavel, quer levantasse a voz na praça publica para acalmar a excitação das multidões irrequietas, em todas as manifestações da palavra, era o primeiro nos enthusiasmos que provocava, o primeiro nos triumphos que conseguia.

Noves annos depois da sua morte a nossa saudade dos bons tempos de camaradagem jornalística evoca-o ainda, brilhante, suggestivo, victorioso no mais acceso das suas batalhas da palavra e da penna. Vê-o ainda na sua cadeira de ministro, só, infatigavel, dominador, a defrontar-se com uma opposição inteira, a dar golpes em cheio e a evitar com a galhardia de um esgrimista todos os botes que lhe



Pinheiro Chagas, em 1893



D. Maria da Piedade Pinheiro Chagas

† a 4 dezembro de 1891

eram dirigidos. Vê-o ainda, honra a gloria do lar, repartir amigavelmente com a esposa querida, com os filhos que elle estremeia, e que tanto haviam de honrar-lhe o nome, os affectos que lhe trasbordavam do coração, tão vasto e bem equilibrado, que a patria, as letras, os amigos, a familia, lhe arrancavam as mesmas vibrações e lhe despertavam o mesmo sentimento e o mesmo amor. E' este intellectual, este espirito eminente, este homem honrado, este grande cidadão, que a patria hoje exalta, e que a Academia das Sciencias, de que elle foi lustre, porque ella lhe reflectiu a fama e as glorias vae glorificar amanhã em uma sessão solemne, na presença do chefe do Estado.

A Lopes de Mendonça, o dramaturgo e o poeta, cabe o honroso encargo de dizer o que foi Pinheiro Chagas, como ao *Brasil-Portugal* cabe o dever de traçar estas palavras e consagrar estas paginas á memoria d'este portuguez por tantos titulos illustre.

A Grã Duqueza

Que singular impressão nos produziu vermos reaparecer na scena portugueza esta primogenita da troça, esta filha estouvada da musica de Offenbach e da prosa de Meilhac e Halévy, que foi seguida por tantas irmãs risonhas e devastadoras!

Chamamos-lhe primogenita porque o foi para nós, porque foi esta a primeira opereta que appareceu em Portugal, e só depois é que veio o *Barba Azul*, só depois é que appareceu a *Bella Helena* e o *Orpheu nos Infernos* e a *Ponte dos Suspiros* e todas essas peças que fizeram por muito tempo do theatro e da vida um carnaval perpetuo.

Muitas vezes se accusou Offenbach de ter sido elle o infatigavel demolidor, com o incessante *cancon* da sua musica endiabrada, de

tudo quanto até ahí inspirava ao homem um certo sentimento de respeito. Pobre Offenbach! Elle não foi senão o Mephistopheles d'este mundo em ruina, e para esse papel déra-lhe até a natureza o physico proprio.

O Mephistopheles, dizem? Sim. Pois não acham que no famoso drama de Goethe este zombeteiro diabrote se gaba de glorias que lhe não pertencem, e que Deus Nosso Senhor se deixa embicar por elle de um modo prodigioso no contracto que celebra antes de começar a acção? Pois Fausto precisava por acaso de Mephistopheles para perder a alma? Pois Fausto não estava já immerso até ao pescoco na sciencia que é a duvida, e o orgulho e a blasphemia? Pois não mostrou Deus Nosso Senhor uma ignorancia lamentavel do que se passava na terra, considerando ainda o Dr. Fausto como dos seus filhos predilectos?

Positivamente o governo do mundo, talvez por ser exercido acima das nuvens, era um governo nephelibata. Deus Nosso Senhor sabia tanto o que se passava na Alemanha como o nosso governo o que se passava no Porto antes da sedição de 31 de Janeiro. Mephistopheles, que, na sua qualidade de opposicionista, andava sempre muito mais bem informado do que o ministerio, Mephistopheles, que já deitára a sua vista de olhos ao gabinete do Dr. Fausto, depois de saber que tinha os trunfos na mão, é que foi propor a Deus Nosso Senhor uma partida.

Era muito capaz o magano no seculo XVIII de ir apostar com o soberano Deus que lhe roubaria a alma de Voltaire, e o soberano Deus, com a mesma ingenuidade com que fizera de Lucifer o seu favorito antes da revolta em que S. Miguel salvou a situação carregando sobre os anjos insurgidos com a guarda municipal do céu, com essa mesma ingenuidade era capaz de aceitar orgulhosamente a partida, contando com a fidelidade de Voltaire como contava com a de Fausto, como tinha contado com a de Lucifer!

Pois a revolta já estava na alma do velho doutor, que bem o mostra no seu monologo inicial, já evidentemente lhe pulava o pé para o *can-can* antes da apparição de Mephistopheles; este simplesmente o que fez foi dar-lhe o par... e a musica. Foi esse tambem o papel de Meilhac Halévy e de Offenbach. O *can-can* estava no espirito do seculo, os dois actuaes membros da Academia Franceza deram as cancanistas, Offenbach deu a solfa.



Retrato de Pinheiro Chagas tirado em Vigo em 1888



Pinheiro Chagas com seus dois filhos mais novos
Photographia tirada em Cintra, na quinta do conselheiro João Franco, em 1893

Então desenrolou-se em todos os theatros do mundo, como outr'ora nas cathedraes da meia idade, não a *dança da morte* mas o *can-can da morte*. Offenbach, de rabeça em punho, com a sua cara mephistophelica, tocava esses *flon flon* que arrastavam n'um *can-can* desenfreado a sociedade com todas as suas eminencias e com todos os seus ideaes para as germanias do ridiculo e da troça. E Meilhac e Halévy, e os outros parceiros, tomavam successivamente para seus pares, agora a grã-duqueza com os seus generaes e os seus diplomatas, logo o rei Bobèche com os seus ministros e favoritos, e em seguida os doges com as suas assembleas republicanas, e os legendarios cavalleiros da idade média de que se gloria a França destemida, os Duinois e os Xaintrailles, e os personagens ideaes da poesia classica, e da poesia cavalheiresca, e da ingenua poesia popular, os grandes vultos homericos, e os vagos fantasmas devaneados pela primitiva Grecia e os vultos creados pela fantasia do povo, e tudo o revistoloteava, pulava, apanhando no nariz o pontapé da troça, o Agamemnon tragico do eschylo com o capacete amachuçado, e o Orpheu da Grecia legendaria com a lyra desafinada, e os cavalleiros medievales com armaduras de lata, e o pavoroso Barba-Azul, que aterrava as crianças, com uma espada de cortiça que nem a Carriça matava e o publico ria a perder, satisfeito com este desfilhar burlesco, e com este desabamento de tudo o que até ahí lhe enchera a imaginação de vagos sonhos grandiosos, com esta *descente de la Courtille* de toda a historia e de toda a poesia, com este nivellamento grotesco de todas as grandezas e de todas as aristocracias intellectuaes.



D. Valentina Pinheiro Chagas

Filha mais nova do illustre escriptor

Foram os auctores da opereta que fizeram esta demolição? Não; exprimiram-na e tanto assim que elles deram á phraseologia politica e litteraria do nosso tempo um vocabulario immortal.

Em linguagem parlamentar e official a posse da auctoridade ainda se exprime pela phrase sonora "as eminencias, as agruras e os espinhos do poder," mas na linguagem corrente é o *pennacho*, aquelle pennacho famoso da *Grã-Duqueza*, que passa do chapéo armado do general Bum para a barretina de Fritz, e que volta, bem atarrachado, para o penante do burlesco general.

Em brindes patrioticos, em convívios, ainda se fala na "espada dos nossos paes," mas o que está em todas as mentes, sem excluir as dos oradores, é o "sobre do papá." Pertencem á *Grã-Duqueza* estas locuções preciosas. E o *Barba-Azul*! como elle enriqueceu a nossa linguagem politica! Ha em Portugal um deputado, ou antes um par do reino, porque já passou da camara baixa para a camara alta, que fez do *Barba-Azul* o *vade-mécum* dos seus discursos, o evangelho politico dos seus textos.

Sabe de cór a peça famosa e n'ella encontra ou encontrava sempre citações para todos os casos. Assim quando se discutia na camara aquella concessão da Zambesia feita a Paiva de Andrade, quando se punha em duvida se o governo podia conceder territorios em Moçambique, cuja posse nos era negada — os mesmos territorios, cuja perda depois tão lacrimosamente deploraram os mesmíssimos patriotas — o espirituoso deputado assemelhava a concessão aquella que o rei Bobèche fazia ao seu genro "das provincias do sul do imperio que nunca reconheceram a minha auctoridade." E quando se discutiam vehementemente esbanjamentos attribuidos ao governo, orgias financeiras que eram asperamente estigmatizadas, bradava elle, em nome da camara, como o seu querido rei Bobèche: "Ao menos convidassem-me!",

E assim, ao passo que nas antigas discussões parlamentares, ou nos antigos discursos dos comicos, parecia que a voz dos grandes oradores era sempre acompanhada em surdina pela vibração magica da *Marselheza*, ou do hymno de Riego ou do hymno da Maria da Fonte, nas discussões de agora, nos discursos que se proferem, o que parece que se ouve levemente, o que está presente a todos os espiritos, na sinceridade reconditada das consciencias, é o *refrain* saltitante e trocista da *Grã-Duqueza* e do *Barba Azul*!

Contava-me uma vez Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, que vinha de assistir a um congresso estatistico em Buda Pesth, que ouvira n'esse banquete a famosa marcha de Rackozky, e que sentira correr um fremito pelas veias, ao escutar essas notas bellicosas. Transmittira a sua impressão a um velho hungaro, seu visinho, revolucionario desiludido, que lhe respondeu friamente: "Este hymno tem sido a desgraça da Hungria; por causa d'elle temos feito muita asneira."

Descance o honrado hungaro! Ao seu paiz deve ter chegado, como chegou a todos, a propaganda offenbachica. Hoje, quando a marcha de Rackozky estiver a aconselhar aos hungaros o que se chama agora "asneiras," virá logo um estribilho salvador de Offenbach instillar-lhes no ouvido:

*E pif! paf! puf! Rana-cita-pum!
Soldado valente, general Bum Bum!*

E as asneiras não se fazem.

Não se esperava que a resurreição da *Grã-Duqueza* desse ao theatro que a ia representar novamente um grande resultado. Era tão conhecida já a alegre opereta de Offenbach! Pois teve um successo enorme, e deveu-o principalmente não ás patacoadas do famoso general Bum, mas á gentileza, á finura, ao tom supremamente elegante e *chic* da propria grã-duqueza. O papel era representado por essa graciosa actriz que nos veiu do Brasil, e que temos ha muito entre nós — Cinira Polonio.

Tem ella conquistado a pouco e pouco em logar proeminente no



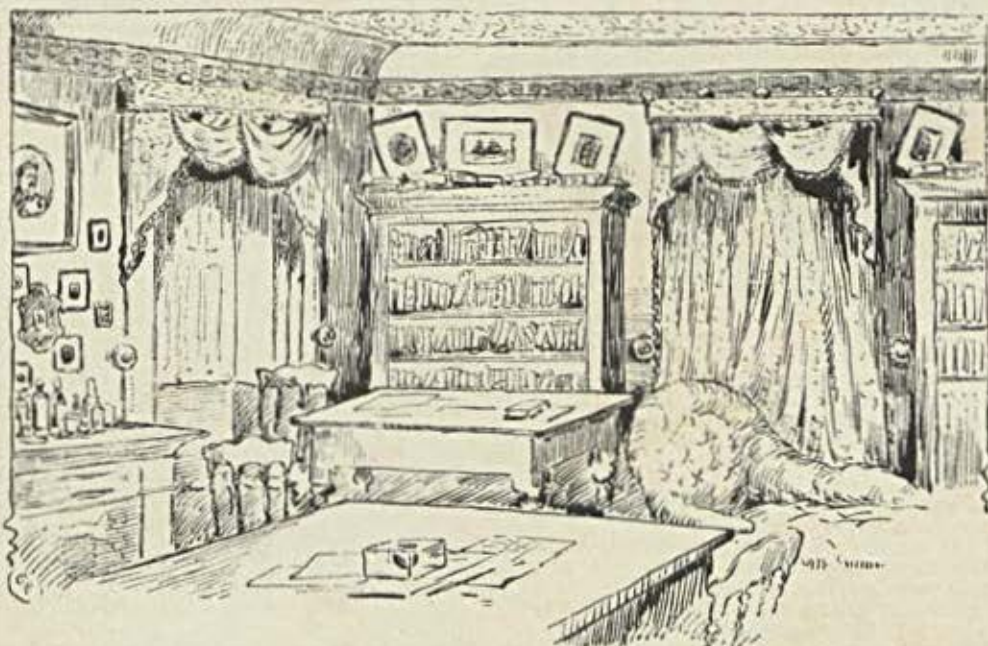
Pinheiro Chagas e Julio Cesar Machado

Photographia tirada em 1875



Frederico Pinheiro Chagas

Filho mais novo do illustre escriptor,



A sala de trabalho de Pinheiro Chagas na casa da rua do Salitre onde falleceu
Desenho feito por Celso Herminio no proprio dia da morte de Chagas

nosso theatro de opereta, o publico desde o principio a acolheu com uma predilecção especial; depois, como fala o francez como se fosse a sua lingua materna, como tem exactamente na voz, na maneira de dizer, a canção, aquelle accento *boulevardier*, sem o qual essas producções da musa parisiense são completamente incompreensíveis, tem sido uma verdadeira delicia para o publico ouvir Cinira Polonio, nos entreaectos de uma peça qualquer *detalhar* com um encanto especial aquellas canções francezas, que constituem um genero tão caracteristico e tão especial da França de agora.

Entretanto, ia creando papéis aqui e ali, n'uma opera-comica, asenhoreando-se cada vez mais do publico, e dando ao theatro da Avenida, quando passou para elle, encontrando o completamente abandonado e detestado pelo publico, um *regain* de successo.

Sinto que estou cedendo a uma tendencia que muitas vezes censuro nos meus compatriotas — a de matizar a minha prosa com palavras francezas. Mas essa tendencia impõe-se fatalmente a quem fala de Cinira Polonio.

Póde ser portugueza, brasileira, italiana, o que quizerem, a sua patria artistica é a França.

Ah! como Halevy e Meilhac a teriam acolhido, se ella lhes resuscitasse em França a *Grã-Duqueza*!

Supponho que a Schneider devia ter sido uma grã-duqueza do tempo do imperio, quer dizer uma grã-duqueza *cocolette*, lembrando vagamente a princesa de Metternich. Cinira Polonio é uma grã-duqueza *fin de siècle*, com os seus olhos claros e vagos, em que paira como que a inconsciencia estranha das nevroticas fatigadas, que já não mordem com bons dentes no fructo prohibido, mas que o *grignotent* appetecendo sempre *fructos e frutas* novas (não foi sem intenção, ó Catulle Mendés, que eu fiz a distincção) e perseverando sempre no seu sonho de ignotos e subtile *raffinements*.

E é por isso mesmo que esta grã-duqueza é de uma distincção, de um vaporoso, de uma elegancia, de um modernismo excepção-naes. Não se lança no *can-can* da conspiração com a furia com que se lhe atiraria a Schneider, esboça-o apenas levemente, de fórma que parece que é uma grã-duqueza de um fim de orgia, bebendo apenas a espuma do champagne não nas largas taças transbordantes, mas n'uma *flûte* de crystal, enrolando nos dedos uma cigarrilha Mahdi, tendo no olhar emfim esta estranha expressão das *détroqués* modernas, dando assim ao typo de Meilhac-Halévy uma *physionomie* novissima, que deu á peça aqui, como lhe daria em França, um exito excepcional.

Setembro de 1891.

PINHEIRO CHAGAS.

Política internacional

A CABA de dar-se na Hungria um facto inesperado, fóra de todas as previsões, que necessariamente ha-de ter importantes consequências para a evolução politica do reino de Santo Estevam. Referimo-nos á cessação repentina do obstruccionismo no parlamento hungaro e á rapida approvação em algumas horas apenas dos projectos de lei, que ha anno e meio estavam aguardando o momento de sobre elles poder incidir uma votação.

O que mais vem augmentar a surpresa, é que esta subita reconciliação dos grupos opposicionistas com o governo se dá exactamente no momento em que a lucta parecia mais accesa e em que todos prophetisavam o recurso ás medidas extremas tanto por parte do presidente do conselho como por parte dos deputados capitaneados por Kossuth. O conde de Tisza ficou vencedor, quando já se começava a duvidar da sua energia; e forçoso é confessar que bem merece pela habilidade, de que deu prova, os elogios que grande parte da imprensa não só magyar mas européa lhe está tecendo. E' o heroe do dia em toda a Transleithana; e na Austria, onde o obstruccionismo tchêque se aggravou ultimamente pondo em risco a estabilidade e mesmo a existencia do ministerio Körber, o exemplo do estadista hungaro aponta-se como modelo a seguir.

Mas a que se deve o milagre, pois quasi assim póde ser considerado o apaziguamento do conflicto parlamentar hungaro? Não decerto á sympathia pessoal, inspirada pelo presidente do conselho, porque ninguem ignora que o conde de Tisza é um dos politicos que mais antipathias conta na Hungria. Herdou todos os odios, que nos ultimos annos de governo se tinham accumulado sobre a cabeça de seu pae, o velho dictador cuja administração é citada como o symbolo da corrupção politica por excellencia. Tambem se não póde attribuir á influencia do imperador, pois demasiado se sabe como esta influencia ficou quebrantada por occasião da prolongada crise politico-parlamentar originada pela queda do segundo ministerio Khuen Hederváry.

O que levou agora os grupos opposicionistas a capitularem foi a ameaça feita pelo presidente do conselho de modificar o regimento interno da camara, chegando a apresentar uma proposta n'esse sentido ou pelo menos a annunciar a apresentação d'ella. Se tal modificação fosse approvada tornar-se-hia impossivel para o futuro o recurso ao obstruccionismo.

A grande arma de combate, que até aqui em servido para derribar governos e para arrancar concessões aos diferentes ministerios, ficaria inutilizada. A opposição comprehendeu o perigo que a ameaçava e cedeu. Pelo seu lado o conde de Tisza, não querendo abusar da victoria, respondeu á capitulação dos deputados opposicionistas retirando a proposta para a modificação do regimento. Desde então o parlamento hungaro entrou na sua normalidade, e depois de ter approvado quasi sem discussão os projectos de lei em que o presidente do conselho insistia, a diou-se deixando o governo ir gosar tranquilamente os louros do triumpho alcançado.

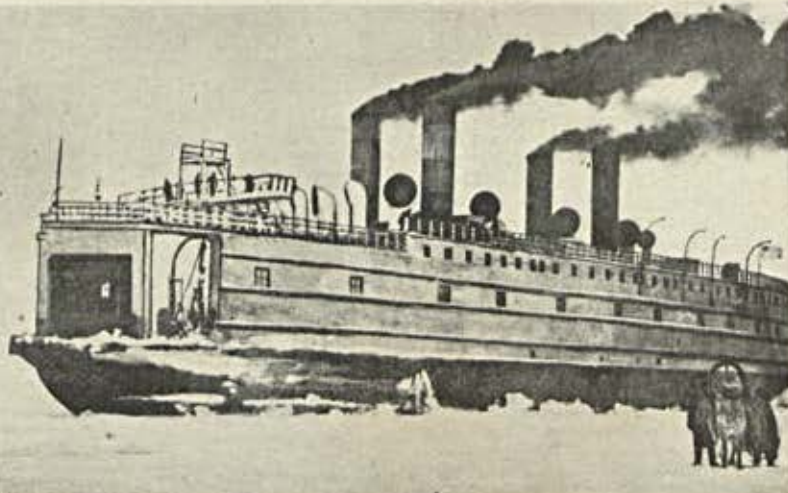
Evidentemente esta victoria do conde de Tisza, que poupou á Hungria as angustias e os perigos de uma crise excepcionalmente grave, foi em grande parte devida á attitude de Kossuth, o chefe do partido da independencia. Já por mais de uma vez, no decurso dos ultimos mezes, o filho do grande candilho de 1848 mostrara desejos de chegar a uma solução pacifica do conflicto em que o seu partido se havia empenhado, receando as provaveis consequências da intransigencia de alguns dos seus mais exaltados amigos. Chegou mesmo por divergencias com a esquerda do partido a dar a sua demissão de presidente d'elle, separando-se temporariamente dos que queriam continuar o obstruccionismo a todo o custo contra o gabinete Khuen-Hederváry. Então a influencia do conde de Apponyi, n'esse momento ainda presidente da camara dos deputados, inutilizou-lhe os esforços. Agora, porém, conseguiu vencer e levar o partido da independencia a entrar no caminho da conciliação.

Será no entanto duradoura esta paz, cujo alcance os «mamelucos» (são assim chamados na Hungria os membros da maioria ministerial) talvez demasiadamente exaggeram? Um breve futuro o dirá. O que é certo é que se o conde de Tisza conseguiu desarmar por agora a intransigencia do partido da independencia, ainda lhe resta um inimigo de grande talento e habilidade, com o qual terá mais de uma vez que medir-se. Este inimigo é o conde de Apponyi, durante muito tempo presidente da camara dos deputados, orador de grandissimo prestigio (este facto na Hungria não é indifferente para a carreira de um homem de estado) e politico irrequieto, que jámais perdoará ao conde de Tisza o tel-o feito descer da cadeira presidencial e ao proprio imperador o ostracismo, a que o tem condemnado.

E' evidente, conforme por mais de uma vez n'estas revistas temos annuciado, que a situação internacional está passando por uma profunda transformação, cujas ultimas consequências não é ainda facil prever. Os dois agrupamentos em que até aqui a Europa estava dividida tendem a modificar-se, e embora os homens de estado dos respectivos paizes procurem fazer acreditar pelas suas palavras, que a letra dos tratados da dupla e da triplice alliança está intacta, torna-se claro como o dia que o espirito d'esses mesmos tratados é hoje muito outro do que o foi de principio, quando pela primeira vez elles se instituiram. Inevitavelmente vão tomando outro aspecto por virtude das novas correntes de opinião, que nos ultimos tempos se accentuaram e contra as quaes não ha ministro ou autocrata, que possa victoriosamente luctar.

Mais de uma vez repetimos n'este mesmo logar, quando ainda a guerra sul-africana estava no seu periodo agudo e quando muitos ainda esperavam que d'ella havia de resultar a ruina da Gran-Bretanha, que o resultado d'essa guerra seria a victoria final da Inglaterra, a qual logo que pudesse libertar-se das difficuldades, que no Transvaal lhe paralyzavam a acção diplomatica, havia necessariamente de entrar n'um periodo de grande actividade politica, para reaver o prestigio internacional que perdera. A nossa propheta realisou-se completamente e muito mais breve do que nós proprios o esperavamos, pois a transformação, que está em vespera de operar-se na situação diplomatica da Europa, é inteiramente devida á iniciativa e á acção da Inglaterra. Senão vejamos.

Até o fim da guerra do Transvaal a Gran-Bretanha esteve completamente isolada, contando no continente apenas com a amizade



Vapor russo para transporte de comboios

de Portugal. A triplíce e a dupla alliança, agrupando as cinco grandes nações continentaes em dois systems antagonicos, tinham comtudo de commum o facto de ambas excluirem a Inglaterra das suas combinações. A situação insular d'esta ultima nação e o «seu esplendido isolamento», na conceituosa phrase de lord Salisbury, não eram garantias bastantes para tranquillisarem os animos do outro lado da Mancha em presença de semelhante estado de cousas. O circulo ia-se apertando e dentro em pouco um bloqueio continental de nova especie, mas nem porisso menos inquietador, podia ameaçar a hegemonia ingleza no mundo. Escusado será dizer que a organisadora d'este cerco era a Allemanha, já influenciando directamente a triplíce pela posição preponderante que n'ella mantem, já indirectamente actuando sobre a dupla alliança pelo constante trabalho de cavar mais funda a inimizada entre Londres e S. Petersburgo.

Foi n'este momento, talvez o mais grave atravessado pela Inglaterra em toda a sua historia, que se deram os tres factos que deviam exercer influencia decisiva no curso dos acontecimentos — a morte da rainha Victoria, a subida ao throno de Eduardo VII, e a paz com os boers na Africa Austral.

A morte da rainha, fazendo convergir as attenções da Europa e da America para a prosperidade em que ella deixava a nação sobre que reinára por mais de meio seculo, abriu os olhos aos que acreditavam de boa fé na ruina da Gran-Bretanha e que por medida de prudencia se preparavam para adorar o novo sol que assomava no horizonte. A subida ao throno do principe de Galles, sob o nome de Eduardo VII, deu ao imperio inglez não só o que nos ultimos annos lhe faltára, isto é, um chefe que pudesse exercer energica acção na politica interna e externa do paiz, apesar das restricções que a constituição oppõe á iniciativa do rei, mas tambem, o que ninguem podia esperar, um monarcha habilissimo e sympathico, que desde que cingiu a corôa se mostrou melhor diplomata do que todos os seus ministros. Finalmente a paz na Africa do sul, libertando a Inglaterra do pesado encargo de fazer face a uma das mais encarnçadas guerras de que ha memoria e evitando o pretexto que essa guerra estava dando para a propaganda anti-ingleza no continente, collocou a Gran-Bretanha na posição desafogada que ella aguardava tão impacientemente para poder iniciar a habilissima politica, que desde então principiou a pôr em pratica com o exito que todos conhecem.

N'estes ultimos dois annos, pôde bem dizer-se, tem passado por

uma radical transformação a politica internacional. O centro de gravidade da Europa, que depois da morte de Bismarck e da celebração da alliança franco-russa se deslocára de Berlim para S. Petersburgo, passou, logo após o advento de Eduardo VII ao throno, d'esta ultima capital para Londres, que é hoje o foco onde convergem todas as combinações da alta diplomacia. E em menos tempo era impossivel operar revolução mais profunda. O rejuvenescimento da alliança anglo-portugueza, a approximação anglo-franceza e a approximação anglo-italiana foram os primeiros passos na nova orientação, que juntamente com a alliança anglo-japoneza collocaram a Inglaterra de um salto n'uma posição internacional preponderante. Mas foram apenas os primeiros passos, porque o que n'este momento nas chancellarias se prepara é bem mais importante, por prometter mais seguros resultados praticos. Referimo-nos ao accôrdo anglo-francez para resolver todas as questões que se achavam em letigio entre os dois paizes, e a um provavel accôrdo anglo-russo, de que começa a falar-se e que será a natural consequencia das estreitas relações, que se estão cada dia accentuando entre a França e a Inglaterra. Se este ultimo accôrdo chega a realizar-se, algumas noites mal dormidas terá o Kaiser, mas o mundo poderá respirar mais livremente por que um grande peso delo terá, pelo menos para a geração actual, desaparecido.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Aviso

De accordo com esta Empreza deixou de ser representante do **BRASIL PORTUGAL**, no Brasil, o sr. Alcantara Carreira, cessando por este motivo todos os encargos que lhe estavam confiados.

A EMPREZA



Um castello japonez

Affonso Henriques

Contado pelo João da Aqualva

No meio d'esta azáfama toda, morreu em 1114 o honrado conde deixando uma viuva muito frescalhota ainda, e um filho pequeno que teria os seus tres annos, e se chamava Affonso Henriques, que é o mesmo que se dissesse Affonso filho de Henrique, assim como Sanches queria dizer filho de Sancho, Fernandes filho de Fernando, e Martins filho de Martin.

— Ora essa! exclamou um que até ahí estivera silencioso, aqui estou eu que me chamo Antonio Martins e mais meu pae chamava-se José.

— Pois isto qu' eu digo, tornou João, era n'aquelle tempo, depois os nomes ficaram, mas já sem se lhes saber a significação, como acontece a muitas outras cousas.

A mãe de D. Affonso Henriques, uma mulher bonita e desembaraçada, continuou a andar por cercos e batalhas, a vêr se isto cá em Portugal ficava independente, e, emquanto ella assim procedeu, correu tudo bem; mas mulheres sempre são mulheres — não se zangue, tia Margarida — e D. Thereza lá teve o seu fatacaz por um conde gallego, Fernão Peres de Trava, que d'ahi a pouco era quem punha e dispunha em Portugal. Não agradava isso muito aos nossos fidalgos, e menos ao rapazinho, que era levadinho da bréca, esparto como um alho, valente como seu pae, e que fôra de mais a mais educado por um fidalgo ás direitas, um tal Egas Moniz, portuguez dos quatro costados. Já se vê que o aio não lhe ensinou a revoltar-se contra sua mãe, e até devo dizer que são verdadeiras patranhas muitas das cousas que a esse respeito se contam. Por exemplo, diz-se que o rapazote andava ás bulhas com a mãe, e que o rei de Leão, D. Affonso VII, viera em soccorro da tia contra o primo. Pêta! D. Affonso VII veiu a Portugal, é verdade, mas foi para obrigar a infanta-rainha (assim lhe chamavam) e o filho e os fidalgos e todo o povo a reconhecer a sua suzerania. Apanhou o rapaz em Guimarães, cercou-o, e pôl-o deversas em talas. Egas Moniz foi ter com elle, e disse-lhe que se fosse embora e que lhe empenhava a sua palavra que a sua suzerania seria reconhecida. Affonso VII assim o fez, e partiu d'alli contra D. Thereza, que essa reconheceu-o immediatamente por seu senhor e suzerano. Mas D. Affonso Henriques, livre do primo, pediu á mãe que fizesse favor de lhe dar o governo a elle, que sempre era mais portuguez que o conde de Trava. Este disse á rainha que não tivesse cuidado, que elle iria dar uma dúzia de palmatoadas no pequeno. Foram boas as palmatoadas! Em S. Mamede, ao pé de Guimarães, e no anno de 1128, o conde gallego levou uma esfrega, e teve de se pôr a andar, levando consigo D. Thereza. De forma que nem D. Affonso Henriques prendeu a mãe, nem fez cousa que se parecesse com isso. Quiz apenas governar, porque tinha o direito de o fazer, e porque os barões portuguezes estavam fartos de aturar o gallego. E a vassallagem que promettera a D. Affonso VII? Boa vae ella! Mesmo agora D. Affonso Henriques posera fora o gallego para se sujeitar ao de Leão! Nem se pensou em tal. Mas Egas Moniz tinha dado a sua palavra, e não queria que um patife de um estrangeiro dissesse que havia portuguezes desleaes. Não contou nada ao seu querido discipulo, e foi até dos primeiros a aconselhar que se mantivesse a independencia, mas agarrou em si, na mulher e nos filhos, e foram todos de corda ao pescoço ter com o rei de Leão, e dizer-lhe: "Para resgatar a minha palavra, só tenho a minha cabeça e a dos meus! Ellas aqui estão!". O rei ficou assombrado d'este acto de lealdade e mandou-os embora com palavras de muito louvor.

— Homem! isso agora parece-me asneira! acudiu o Zé Caneira. Que diabo de culpa tinha elle que esse D. Affonso Henriques não fizesse o que promettera?

— Nenhuma, bem sei! mas elle é que ficára por fiador. Outro seria que dissesse: Eu quiz, mas não pude. Elle foi mais franco e disse: Não pude e não quiz. O interesse da nação oppunha-se a isso, mas a minha vida ha de resgatar a minha palavra, e não se fundará n'uma deslealdade a nova monarchia.

— Aquillo é que eram homens! murmurou o Manuel da Idanha.

— Espera que tu vae vêr o que era um homem. Este D. Affonso Henriques digo-te que foi mesmo fadado para fundador de reino. Não parava um instante. No principio do governo, andou sempre á bulha com o primo, e com os gallegos, e tudo era ver se passava o Minho; mas um bello dia olhou para o sul, e percebeu que para allí é que havia muito que fazer. Os mouros começavam a dar signal de si, e a romper de novo por allí acima. Em 1129, Affonso Henriques vae só n'uma galopada até ao Alentejo, derrota os mouros em Ourique, e volta para casa. A respeito de Ourique tem havido mosquitos por cordas. Diz-se que appareceu Nosso Senhor a D. Affonso, que este foi allí aclamado rei pelos soldados, que aquillo foi uma batalha formidavel, etc. Eu cá não me metto n'essas cousas. Que Nosso Senhor Jesus Christo apparecesse crucificado a D. Affonso Henriques, é muito possivel. Deus pode fazer estes milagres, sempre que lhe aprouver, e milagre de Deus foi a nossa historia toda. Sem a ajuda de Nosso Senhor mal podia este pequeno povo fazer o que fez. Que a batalha fôsse muito importante, não me parece, pelo menos não teve consequencias; ficou tudo como d'antes, e o que se não pode dizer é que o quartel ge-

neral fôsse em Abrantes, porque a Abrantes ainda nós não tinhamos chegado; que os soldados se lembrassem de acclamar D. Affonso Henriques rei n'esta occasião, tambem me parece historia. Sou capaz de apostar que rei já lhe chamavam desde muito, como chamavam rainha á mãe; depois, esse titulo de rei, que affirmava mais a nossa independencia, onde se deveria dar era n'uma batalha contra os leonezes, mas n'uma batalha contra os mouros, que tanto se importavam que Portugal fôsse independente, como que fôsse vassallo de Leão, a quem tanto convinha que Affonso Henriques fôsse rei como que fôsse conde, não se percebe. Diz se tambem que foi nas côrtes de Lamego que o titulo se confirmou. Ora adeus! Côrtes com clero, nobreza e povo ainda cá se não faziam. E de mais, quem diz isso parece que imagina que n'aquelle tempo se passavam as cousas como agora, e que isto de fazer rei um conde soberano era negocio que se não podia praticar sem grandes cerimoniaes e ajuntamentos. Boas noites, meus amigos. Oçam vocês o que succedia! Morria o rei de Leão, por exemplo, e dividia os estados pelos filhos, e aqui ficava sendo um rei da Galliza, o outro rei de Leão e o outro de Castella. E depois juntavam-se os estados, e já não havia reinos nem em Galliza, nem em Castella, depois tornavam-se a separar, e assim andavam, sem maior maçada. D. Affonso Henriques fizera-se independente, era o essencial, depois começaram a chama-lo rei, e rei se ficou chamando. O que elle fez, como era espartalhão, para garantir a conservação do reino, foi declarar-se vassallo do Papa, e mandar-lhe pagar um pequeno tributo, para que o pontifice lhe valesse. A manha não era má; n'aquelle tempo quem tinha por si a côrte de Roma tinha tudo.

Mas o caso não era chamar-se uma pessoa rei, era ter um reino que merecesse o nome, e esse Portugalzinho, que vinha apenas do Minho até ao Mondego, para falar verdade, não parecia lá um grande reino. E D. Affonso Henriques disse então com os seus botões: Toca a alargal-o! Ora o que faz um de vocês quando se vê com uma terreola para seu grangelo? Cospe nas mãos, agarrá na enchada, começa a fossar o chão, e allí está desde pela manhã até á noite. D. Affonso Henriques fez o mesmo, cuspiu nas manoplas, arrancou do montante, e elle ahí vae para a faina em que andou desde pela manhã até á noite, quer dizer, desde que lhe apontou o buço até que a morte pregou com elle na sepultura. O montante era a sua enchada, rapazes, e, a cada enchadada, sahia do chão sarraceno agora Santarem, depois Lisboa. Ah! meus amigos, que vida! Aquillo era um lidar continuado! Elle casou com uma princeza de Saboya, a sr.^a D. Mafalda, mas estou em dizer que não fôram muitas as noites em que dormiu muito bem aconchegado com ella nos seus paços de Coimbra. Alta noite lá ia elle tomar Santarem, de surpresa, e outra vez constava-lhe que ia uma gente do norte fazer guerra aos mouros na Palestina, para defender contra elles o sepulchro de Christo, e D. Affonso Henriques a logo á beiramar ter com os homens, e pedir-lhes que descansassem aqui um pedaço, e que o ajudassem ao mesmo tempo na sua tarefa de to-



Nuno de Freitas Queriol

Secretario do sr. conselheiro Hintze Ribeiro, Presidente do Conselho de Ministros, agraciado recentemente pelo governo francez com a comenda da Legião de Honra. É um official de marinha muito distincto, intelligente, e querido pelas suas bellas qualidades.

dos os dias. Elles não se fizeram rogar, desembarcaram, e d'ahi a pouco estava Lisboa no poder dos nossos. Muitos d'elles por cá ficaram, porque D. Affonso Henriques deu-lhes terras, e até ha por ahi povoações que ainda se chamam com os nomes d'elles, por exemplo Villa Franca, que é como quem diz villa dos Francos, etc.

— Então os de Villa Franca são estrangeiros? perguntou o Manuel da Idanha.

— Qual carapuça, homem! Tu não te lembras da minha comparação do caldo? Não é sal, nem agua, nem carne; mas tem carne, agua e sal. A carne eram os godos, a agua os lusitanos e os romanos o sal; pois tambem no caldo se deita ás vezes o seu raminho de hortelã ou de segurelha, que sempre lhe dá assim um sabor mais cousas, tal, etc., pois esses raminhos de segurelha e de hortelã foram os estrangeiros, que aqui vieram a Portugal e por cá se deixaram ficar. Vieram tambem contribuir para fazer o nosso bom caldo portuguez.

— E bem achado, sim senhor, observou a tia Margarida.

— Pois assim mesmo é que é. Ora já vocês vêem que o pobre do D. Affonso não podia estar muito tempo socegado. Hoje tomava Cintra, amanhã Mafra, no outro dia Palmella, no outro Abrantes! Era um vivo demonio. Os mouros com elle andavam n'um sarilho. Por isso tambem tinham-lhe tomado um medo!... Falarem-lhes no Ibn-Errik, assim lhe chamavam elles na sua lingua, como quem diz *filho de Henrique*, falarem lhes em Ibn-Errik, era o mesmo que falarem-lhes no diabo. E que a gente que elle tinha! homens como um Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, que morreu combatendo, e mais andava já pelos noventa annos, e um que tomou Evora, Giraldo sem Pavor, e outro que tomou Beja, cada qual por sua conta e risco. Gente levadinha da bréca, isso é que é falar a verdade.

Mas, enfim, meus amigos, ainda que se diz "pedra moveida não cria bolor", sempre dá o caruncho n'uma pessoa, por mais que ella se mexa e trabalhe. D. Affonso envelheceu, mas antes d'isso já deitára um filho que era o seu retrato, valente como elle e homem de grande talento, D. Sancho, que foi depois rei. Podia morrer descansado D. Affonso Henriques, deixava a sua espada em boas mãos e a sua corôa em boa cabeça. E com essa consolação morreu em 1185 el-rei D. Affonso Henriques, depois de ter não só tornado o rei independente, mas de o ter alargado até o meio do Alemtejo, e principalmente de ter tomado Lisboa que era, como diz o outro, a menina dos olhos dos arabes, a cidade sem a qual não se podia fazer cá para estas bandas cousa que geito tivesse. Ah! meus amigos, se algum de vocês fór alguma vez a Coimbra, e

entrar na igreja de Santa Cruz, suba até á capella môr, e olhe para os dois tumulos que alli se vêem, pergunte qual é o de D. Affonso Henriques, e depois ajoelhe deante d'elle, porque, com seiscentos diabos, se nós hoje não somos para ahi uns gallegos e uns andaluzes, se dêmos que falar no mundo, e praticámos cousas que fazem com que uma pessoa tenha orgulho de se chamar portuguez, é a ella que o devemos, pois que, como lá diz o outro, "de pequenino se torce o pepino", e este reino de Portugal era bem pequerrucho ainda, quando esse homem de ferro levou a sua vida inteira a costumal-o a fazer cousas grandes.

E o bom do João da Aqualva limpou o suor, que lhe escorria pela testa com o enthusiasmo que o inflammava. Os seus companheiros escutavam-n'o silenciosos, e já não faziam interrupções nem observações. Estavam devéras interessados com a narrativa.

— Meus amigos, continuou o João da Aqualva, no governo como na lavoura, ha tempo para tudo, agora cava-se e depois semeia-se. Primeiro compra-se a terra e depois é que se amanha. Pois assim foi em Portugal; D. Affonso Henriques ou D. Affonso I conquistára, D. Sancho tratou de povoar. Por isso a historia chamou *conquistador* ao primeiro e *povoador* ao segundo; e olhem que isso não quer dizer que D. Sancho não fôsse tambem um guerreiro de truz. Tô carocho! Já na vida do pae elle dera que falar. Apenas o pae morreu, começou elle a namorar uma terra do Algarve, que hoje está bem decahida, mas que n'esse tempo era, por assim dizer, a Lisboa lá do sul — Silves. Não se lhe mettia dente, porém, com facilidade. Para ir lá por terra, era custoso como o demonio, para ir por mar, é de saber, meus rapazes, que o sr. D. Sancho I ainda não se lembrára de comprar nem a fragata *D. Fernando*, nem esse navio com que andam por ahi sempre os jornaes aos tombos, e a que uns chamam o *Pimpão* e os outros *Vasco da Gama*.

Uma gargalhada geral mostrou que os bons dos ouvintes tinham apanhado facilmente o chiste do jovial anachronismo do narrador.

— Mas, meus amigos, isto de Portugal ficar no caminho da Palestina para os christãos que vinham lá das terras do norte, foi uma verdadeira pechincha. Descançavam aqui e sempre havia por cá algum biquinho de obra. Foi o que succedeu tambem d'esta vez. D. Sancho apanhou uma frota de cruzados...

— Novos? Perguntou o Zé.

Da Historia Alegre de Portugal.

PINHEIRO CHAGAS.



Edifício da Sociedade Portuguesa de Beneficencia de Campos, Estado Rio de Janeiro (Brasil)



TIRO AOS POMBOS



A «coupe» Eduardo VII ganha por S. M. El-Rei, no torneio do dia 9 de abril na Tapada da Ajuda



Vendo a «coupe»



El-Rei e um grupo de espectadores

Clichés Benoliel.

A SEMANA SANTA



A procissão da Ressurreição dando volta á capella das Necessidades no dia 3 de abril de 1904, SS, MM, e AA, seguindo a umbela



Procissão do enterro, em Belem, passando na Rua Direita da Junqueira, em 1 de abril de 1904

O cricket



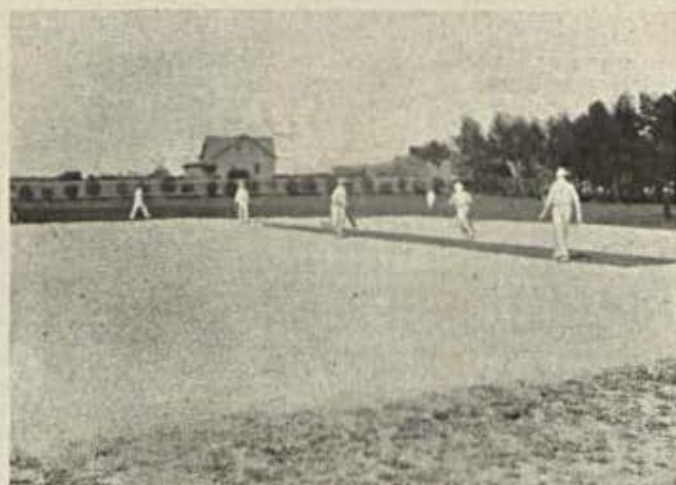
Uma partida na Cruz Quebrada entre os clubs de Lisbon e Carcavellos



Esperando o comboio em Carcavellos depois do «match de cricket»



O «five-o'clock tea» na Cruz Quebrada



A partida de «cricket» em Carcavellos

O jornalista José Agostinho de Macedo



s princípios da vida de José Agostinho de Macedo foram harto desbocados. Viera de "um canto escuro do Alemtejo, das calvas campinas da melancholica Beja", conforme dizia no seu jornal *O Desengano*. Boquejava-se, talvez por viúta, que o airado graciano viera de cascos de rolhas e pirangara em Cacilhas, combatera á pedra nas sucias de birbantes da Penha de França, agredira a mãe, denunciara o Dr. Sepulveda, que lhe deu guarida, fôra espião e dava traspés coin as carraspanas. O certo, porém, é que foi expulso do convento da Graça em 1792, que duas vezes roubou a livraria do convento dos L'aulistas, e qu' esteve preso no segredo do Castello e no Limoeiro. Usava de faca, blasonava do arnez, gandaiava em malissimas bargan-

ganterias do ultimo plebeisimo, sentia-se com bojo para trasfegar em si todo o recheio dos toneis monasticos, e, em coisas de concubinage, não deu máu burro ao dizimo. De 1787 a 1788, esteve de casa e pucarinho com Clara Maria Benigna, uma michêla do becco dos Beguinhos, a S. Vicente Principiando com os amores freiraticos ou com o peixe de grêlha, viveu em contubernio, desde 1808 até 1818, com D. Joanna Thomazia de Brito Lobo de Sampaio, freira de Odivellas; depois, parece que se amoriçcou de uma Feliciana, freira trina do Rato; e, logo a seguir, abarregou se com uma freira bernarda de Coz, D. Maria Candida do Valle, que mais tarde se mudou para o convento de Odivellas, e por fim para casa d'elle, na qualidade de concubina teúda e manteúda. (1) Porque era gavião de toda relé, amancebrou se com Domingas Kitta Ebrard, uma bandalhona franceza que o denunciou á Inquisição em 9 de Maio de 1807. Para se desenfastiar das fêmeas cahidicas e dos amórios claustraes, ia fazendo seu pé de alferes ás comicas. Amistou-se com a Maria da Luz, actriz do Salitre, e arrastou a aza á actriz Marianna Torres, contra a qual desfechou a desbragadissima parodia ao Elogio, que ella recitara na Rua dos Condes em 1812, enc' vacado por Marianna o repulsar e lhe preferir Carlos Morato Roma, joven de 15 annos.

O jornal londrino *Evening Mail* de 26 de Março de 1828 escrevia ácerca das mancebias e dos litteratismos de José Agostinho: — "Mas entregando se com equal ardor ao culto das Musas e das Freiras, sabe-se que, de ordinario, tem sido mais bem succedido com as ultimas do que com as primeiras." Da fonte caballina manou um soneto anonymo, que retratava em corpo inteiro o bilioso pamphletario, o impavido folhetinista do despotismo:

*Cortando dez sermões a canivete,
E roubando uma inteira livraria,
Acompanhando a corja que assobia,
E dando á mãe dois murros no topete.*

*De arriero na estrada andando ao frete,
E cosendo comedias á Maria,
Empregado vilmente como espia,
Entregando o Doutor que em casa o mette.*

*No pulpito fazendo alto berreiro,
Sem lei, co'a lei mettendo aos outros medo,
E á tãa descompondo o mundo inteiro;*

*Eis como vive com perpetuo enredo,
Para tudo o que é máu sempre em terreiro,
O fôfo ex frade, que se diz Macedo.*

O povo, que tem o genio dos appellidos, poz-lhe o cognome expressivo de *Padre Lagosta*, o jornal *Padre Malagrida* ou a *Thesoura*, de Londres, appellidou-o "o balofo jumentam Macedo", e Garrett chamou-lhe nas *Fabulas e contos* "um tal cantor de burros, macaco encyclopedico", e na *Lyrice de João Minimo* dizia-lhe "que embasbacava os patáus com descomposturas, insultos e pachuchadas."

José Agostinho de Macedo foi um escriptor verdadeiramente polygrapho, possuidor de inexgotavel facundia, de solida erudição e de inexhaurivel veia. Escreveu e préguo sermões, compoz poemas, rabiscou folhetos, architectou peças theatraes, jornalizou. Raros se atrevem hoje a metter dente n'essa prosa coriacea, tresandante ao bafo da escorreima, mareada por muita selvaticueza botocuda e lardeada de mordacidades chulas de troquiilha, de chalaças de bolieiro, de matronarias de regatõa, de luzitanismos de cavalharia, de almocreverias de arriero e de obscenidades especificas de alcouce. Rarissimos se afoutam hoje a deletrear esses versos chilros, cuja harmonia sorna faz lembrar o chouto inalteravel de uma récuca de machos de recoveiro, guizalhando n'uma estrada nas zinas do verão.

As phrases do cenhoso pamphletario eram agudas como punhaes e cortantes como navalhas de barba. A sua inveja posthuma de Camões e de Gabriel Pereira de Castro fazia-o encanzinar, obrigava-o a rechinar os dentes como a um beocio de indole cafnha; o seu odio a Bocage e aos areopagitas do botequim das *Parras* pungia-o como um cilicio, apertava-o como umas tenazes candentes. Mas, quando cahia a proposito, Elmano rapava do tagante nemessico e atagantava-lhe o orgulho pertinaz, a vaidade aggressiva, a infernalissima inveja — esse abutre que roia incessantemente o coração de Elmiro Tagideu. Entrementes, José Agostinho, com as ventas bem escorvadas de rapé, abria as valvulas ejaculatorias das coleras espumantes na livraria dos Bertrands, ao Chiado, e na chapellaria do Daniel, ao Rocio, como, volvidos annos, praticava na livraria do editor do seu *Motim Litterario* e do seu *Gama*, o corcunda Desiderio Marques Leão, no Calhariz, e em 1824 na loja do capellista Tiburcio, em Bellem.

Não nos compete clarificar agora o perfil do homem de letras, mas tão sómente traçar, ao correr da penna, o perfil do creador do nosso jornalismo de combate, do nosso primeiro jornalista politico. José Agostinho já em 1813 entrevia a importancia dos jornaes, quando escrevia nas *Considerações mansas sobre o quarto tomo das obras metricas de Manuel Bocage*: — "O tempo dos livros era outro tempo, agora é o tempo dos periodicos. Livros, isso é coisa rançosa e boa para ginjas anteterramotanos." A sua prosa era um corollario logico do seu feitio moral. O seu espirito de combatividade, o seu temperamento de luzitano estreme, sem travessia, o seu caracter bazotio de refião cabeçudo e a sua lingua de prata fina, azavam-n'o para as porfiosas refregas da imprensa. O jornal londrino, que anteriormente citámos, opinava no mesmo sentido e dizia a respeito de José Agostinho: — "A controversia e a opposição são os elementos em que elle vive, e o seu talento, semelhante a um



Uma aguarella, de Xavier Pinheiro



Daniel Monteiro Abreu

Consul do Paraguay em S. Paulo (Brasil), e antigo chanceler do consulado de Portugal na mesma cidade

papagaio de papel, só parece elevar-se quando corre contra o vento. Em 1811, José Agostinho ensaiou os vãos com o *Motim Literário*, semanário que terminou por causa de uma renzilha, que o autor teve com o editor, o giboso livreiro Desiderio Marques Leão. Em 1816, fundou o *Espectador Portuguez*, destinado a servir de respiradouro aos seus rancores litterarios e a guerrear os pedreiros livres. Neste periodico se destampou a combater a *cáfila pedreira* e a *depennar bem o Pato*, ao que o *Correio Brasiliense* respondia com os *ataques pedreiraes*, emquanto Pato Moniz o carneava no *Observador Portuguez* e lhe espolhava a vida devassissima no poema *Agostinho*, no qual lhe chamava *Camões da rua do Bombarda*, alcunha que já lhe dera na satyra *Elniro* em 1812. O *Correio Brasiliense* era redigido pelo brasileiro Hippolyto, a quem José Agostinho acoimava de *impostor venalissimo*. A Regencia, para pôr ponto final nas diatribes, supprimiu a folha de José Agostinho e a de Pato Moniz; e, em 1817, prohibiu a leitura do *Correio Brasiliense*, como já prohibira a d' *O Portuguez* de Londres em 1811, porque ambos pugnavam pelas doutrinas subversivas das sociedades maçonicas, graças ás quaes as idéas liberalistas lentamente se infiltraram no nosso paiz e prepararam o movimento revolucionario de 30.

Em 1818, José Agostinho deu a lume o *Desaprovador* e em 1823 o *Escudo*, em que defendia o governo constitucional. Em 1820, o clero bandeirinha voltara o camaz para fóra e commungara no credo liberal, mas, depois da *Villafrancada*, virou a casaca, declarando guerra á facção regeneradora, como denominavam os *cinistas*, e bandeando-se com a cambaca alfabeticamente estúpida dos energumenos absolutistas, dos demagogos da realza, que em 1828 aclamaram D. Miguel — um tyranno lacedemonio sob o angulo facial de um toureiro. Data d'aquelle tempo a *Tripa virada*, que se encarna no rebanho dos jornaes de rópia e bazofia, que, de 1824 a 1833, militaram em prol do legitimismo: o *Braz corcunda*, a *Navalha de Figaró*, o *Diabo côco*, a *Anfona*, a *Trombeta Final*, o *Anti-jacobino*, o *Furol realista*, o *Cacete* e outras gazetas, com o mesmo espirito tábido e a mesma insulsez parrana. A *Tripa virada* symbolisa o seu redactor, que se virou do envez e que confessa o viramento com uma desfaçatez convizinha de cynismo. A *Tripa virada* succedeu a *Tripa por uma vez*, e, a esta, a *Besta esfolada*, em que José Agostinho se faz paladino do arrô-ho, apologista do verdugo e apostolo d'essa feroz dictadura plebêa, a que não faltaram as devassas, as alçadas, os tribunaes marciaes, os processos tumultuarios, as masmorras e as tabellas de Sylla. A *Besta esfolada*, esse lameiral de chocarrices cynicas, esse marnel de incongruencias estolidas, teve grande acção na gentalha ignara como uma cabilda de cabóculos. Parece decaído sobre alguns jornaes virulentos da Revolução Franceza: o *Pere Duchesne*, de Hébert, cuja linguagem de uma brutalidade zulu exerceu poderosa influencia na relé de pata ao léo; o *Ami du peuple*, de Marat, a quem Desmoulin chamava o *dramaturgo dos jornalistas*; o *Defenseur de la constitution*, de Robespierre; o *Vieux Cordelier*, de Camillo Desmoulin; o *Ami des lois*, o calumniador; e o *Le Rédacteur*, o esterquilino onde fermentavam as putrefacções do Directorio.

Em 1830, o nosso fradesilho raivento empanha de novo o seu chicote de baleia para avergoar os *malhados* n' *O Desengano*. As suas ensaboadelas de chupêta, como elle dizia, correm aposta no insulto com as de Fr. Fortunato de S. Boaventura n' *O Mastigoforo*, no *Punhal dos corcundas*, na *Centra mina* e no *Defensor dos jesuitas*, e com as do nefario Alvaro Buela na *Defesa de Portugal*, onde o péco escrevedor engranzava salabordias, retaliava descaradamente os

constitucionaes e aconselhava as *Vesperas Sicilianas*, "a que não deviam escapar as *malhadas*, ou velhas ou novas, ou desembaraçadas ou gravidas, conforme asneirava o sevandija no n.º 59 da gazeta cannibalesca

Um manuscrito de 1823 dizia a respeito da linguagem raza e das baldas certas de José Agostinho: — "A sua penna é poucas vezes elegante, nunca sem se molhar no fel da satyra... O Padre José Agostinho poucas vezes deixa de parecer, antes uma regateira descompondo a visinha, do que um homem illustrado censurando a moral publica e os erros do tempo... Seu orgulho scientifico não lhe consente ouvir socegado elogiar um escripto que não seja seu... A prosa jornalística d'este fulminador de verrinas fazia lembrar aquelle decadente Vadé do tempo da Regencia, que procurava as suas inspirações litterarias nos mercados de peixe e escrevia em jargão regateiral. A prosa litteraria d'este folliculario verrinoso tinha o seu tanto ou qué de audacia esbagaçada, como demonstram estas roncas das *Pateadas de theatro*: — "Comicos e actores de theatro, eu vos irei solidamente ao folle, eu vos saltarei ao gallinheiro, eu vos irei ao faval, eu vos chegarei a roupa ao corpo, eu vos farei o cabelo castanho... Mas nem só a sua linguagem escripta se sofredava descaradamente; tambem a familiar se arregaçava como uma marafona escandecida, que perde a tramontana e bate o pé á frente nas baralhas de viella. Conta-se até, que uma actriz coetanea, Florinda Benevenuto de Toledo, o reprehendera com aspereza pelas expressões indecorosas, que habitualmente empregava nos camarins e que feriam a verecundia das comediantas do primeiro quartel do seculo XIX, embora a moralidade d'estas creaturas estivesse sujeita a caução.

José Agostinho de Macedo foi plebeamente popular, porque se identificou com o povo. Este falava pela sua bocca, sentia pelos seus nervos, pensava pelo seu cerebro. José Agostinho era um impudente desaforado, um cynico desbragado, um sombeirão petulante, mas era tambem um franco, um sincero. A sinceridade brava e a franqueza rude geraram-lhe a sua força, o desinteresse originou-lhe o seu prestigio. Foi um caceteiro da imprensa, um arriero da litteratura, um magarefe da politica, mas não foi um chatim. Desejou a fama, cubicou a popularidade, aspirou á gloria, mas jámalis adorou o vellocino de ouro — o idolo primacial dos nossos tempos. O impetuoso polemista Rochefort, entrevistado uma vez para formular opinião sobre os jornalistas da obra de Balzac, respondeu: — "Hoje, o jornalimo de Balzac já não existe, e eu poderia citar muitos jornaes, em que já não ha jornalistas. Ha litteratos, homens de negocios e *reporters*. Faz se jornalimo de informação ou de negociamento, já não se faz jornalimo de opinião... O jornal é uma tribuna ou um escriptorio. Ah! E ha actualmente mais escriptorios do que tribunas! Será assim no tempo de Rochefort, não era assim no tempo de José Agostinho. N'esse tempo, jornalizar era uma tarefa séria, em que se arriscava a existencia, ou, pelo menos, a integridade da respectiva carcassa; no nosso tempo, é faina de farceiros para embaçar os patêgos. N'esse tempo, as oburgatorias dos gazeteiros eram recaldeadas na bigorna da paixão politica e dirigiam se a um partido odiado, que lh'as retribuia com crudelissimas represalias; no nosso tempo, os palanfrinos dos jornaleiros são aquecidos á baixa temperatura de uma indignação postica, theatral, e dirigem se simplesmente a um politiquero incommodo ou a um syndicateiro avido. Por isso o jornalimo, que devia ser um sacerdocio, com os seus ritos imprescriptiveis e a sua missão inviolavel, é apenas uma insipida farça de cordel, representada para illusão da galeria.

Força é confessar, porém, que o officio de jornalista pechoso é hoje muito mais difficil do que no tempo de José Agostinho. Já não bonda que o jornalista tenha uma idéa por dia, conforme precitava Emilio de Girardin no tempo em que sua mulher, a *decima musa*, exclamava em letra redonda: — "O jornalimo, rei da epocha! Tem de ser um Pico de Mirandola moderno, resumindo Pythagoras, Hippocrates, Aristophanes, Dante e Voltaire, na rigorosa expressão de Octavio Uzanne. Por isso Luiz Veullot respondia a alguém, que lhe perguntava o que seria Bossuet, se vivesse agora — "jornalista".

José Agostinho de Macedo, o *dictador do Forno do Tijolho*, viveu sempre amarrado ao calabre da pobreza, apesar da sua extrema actividade litteraria. Mas encarnou a alma do povo n'um certo minuto historico, reflectiu o estado das letras e dos costumes da sua epocha, espelhou as ancestraes energias do genio da raza luzitana, representou a metempsychose pythagorica dos torvos jornalistas e dos truculentos libellistas da Revolução Franceza. Foi uma figura genuinamente portugueza, foi uma individualidade robustamente caracteristica. Foi alguém.

PINTO DE CARVALHO (Tinop).

(1) Theophilo Braga. *Obras ineditas de J. A. de Macedo*.

E' preciso ter muito espirito para estar sempre calado, e muito pouco senso para estar sempre falando. Uma pipa vazia faz muito mais barulho, do que uma pipa cheia.

TOURAILLE.

Os melhores operarios são os que trabalham cantando.

UM DIRECTOR DE FABRICA.

Só são excellentes as pessoas que nós não conhecemos.

MARQUEZ DE BOUFFLERS.

Torneio Hippico no picadeiro Gagliardi



O professor Gagliardi saindo do picadeiro com os seus discipulos



Montando para o torneio



Um grupo de alumnos

Carlos Schwalbach, Alberto Sobral, José Quaresma, José Godinho, Julio Tursteman, Antonio Salazar e Pedro Macieira

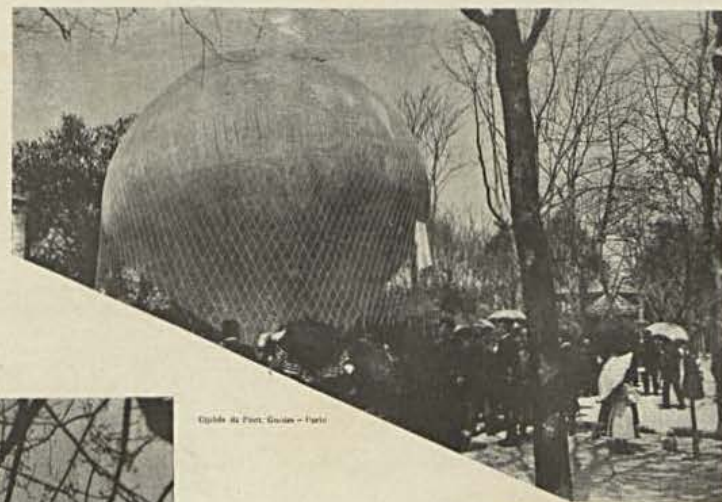


Grupo de convidados á porta do picadeiro, em 3 de abril de 1904



Condução do balão de Villa Nova de Gaya para o Porto

Balão "O Portuguez"



Cópia de Port-Guises - Paris

Nos jardins do Palacio de Cristal, do Porto. Preparando para a ascensão



O balão preso nas arvores, quando o Ferramenta cortou o cabo



Antonio Bernardes (o Ferramenta)
Auctor do balão O Portuguez



A primeira ascensão d'O Portuguez, captivo

A Morgadinha de Valflor



Os primeiros interpretes

Desenho de Raphael Bordallo Pinheiro

THEATROS

D. Amelia — *O coração tem caprichos — O adversario.* **D. Maria** — *Terra Mater — Os filhos alheios.* **Trindade** — *O côo do regimento.*
Avenida — *Vivinha a saltar.* **Rato** — *Beijos de burro.* **Colyseu dos Recreios** — *Companhias de opera e de opereta.*



EU NOS o **D. Amelia**, com poucos dias de intervalo, duas obras primas da moderna litteratura dramatica, franceza, ambas assignadas por Capus.

A impressão que medeixou a *Castellã*, já n'este logar a fixei. O *Adversario*, que é a ultima, a que tem ainda a garantil-a o nome de Arène, poderoso collaborador de Capus, tem sobre a primeira, vida nervos, sensibilidade. Em ambas corre o mesmo espirito, que de todas as phrases e de todas as situações trasborda, em ambas corre parelhas o brilho do dialogo, em ambas a pura, genuina, a incomparavel graça gauleza ostenta as suas gallardias, em ambas a argumentação nos impoiga e o encanto nos seduz. Mas o *Adversario* vale mais porque dentro d'esse espirito sente-se que o sangue jorra, os nervos vibram e a vida estúa. De onde se conclue que a sensibilidade, a vibratibilidade d'essa obra humana lhe foi inculcada por aquelle que Capus escolheu para seu collaborador.

Já o titulo é uma verdadeira *trouçaille*. No adulterio, dado nas condições em que este se apresenta, o que é o *Adversario*? É a mulher que atração o marido que a ama? É o amante que lhe rouba a ella o que elle conquistou pela lei, pelo direito e pelo amor? É essa força mysteriosa que em cada um de nós existe, que

lucta com uma outra força, que nos supplanta a consciencia e acaba por se impôr contra nós mesmos? O *Adversario* afinal e tudo isto, e esta bella synthese faz logo prever, pelo brilho do titulo o brilho e o valor da obra theatral.

No desempenho, mais uma vez nos reaparece o Brazão d'outro tempo, especialmente na scena notavel que elle desenha e executa com um inexecedível primor, aquella em que de pesquisa em pesquisa sobe da duvida à certeza acabando por arrancar à mulher a confissão do adulterio.

Perfeitamente traçado e definido tambem esse original e excentrico Chauvraigne, que com as melhores razões d'este mundo justifica a necessidade de passar em claro por todas as arranhaduras que se apraz em dar no matrimonio a sua segunda esposa. Delicioso typo de que Augusto Rosa fez uma criação, dando-lhe todos os requintes da sua arte.

Lucilia na adúltera *Marianna Darlay*, Rosa Damasceno, na *madame Brènton*, a intriguista emerita, a moderna mulher de salão, e na *madame Nouraine*, galante, maliciosa, Maria Pia, deram à interpretação do *Adversario* um cumulo de arte que deixam por muito tempo na memoria o excellent desempenho da peça parisiense que o brilhante collaborador do *Brasil Portugal* dr. Cunha e Costa traduziu a primor.

Com a obra de Capus e Arène subiu à scena a comedia n'um acto *O co-*



THEATRO DA AVENIDA — *Ultimo acto da revista Vivinha a saltar, de Camara Lima e Mello Barreto. — A apotheose*

ração tem caprichos, de Roberts de Fiers e Cavaillet, versão de Portugal da Silva.

Nada mais leve, mais delicado, mais imprevisível. E', por assim dizer, o pretexto de um drama, o esboço de um estudo psychologico. É no amor o triumpho completo da timidez, o castigo da audacia, em que o ridiculo tem uma bella parte theatral. E', em summa, uma arte finamente rendilhada, que se ouve com interesse crescente e cujas scenas, uma a uma se conservam na retina e no ouvido. E foi ao mesmo tempo, pelo desempenho um encanto, tal a graça, a intenção, o brilho com que Augusto Rosa, Lucilia e Alves por completo se metteram na pelle d'esses vividos personagens de comedia.

Duas peças novas, uma original e outra traduzida, offerece todas as noites ao seu publico o theatro de **D. Maria**.

Da primeira: *Terra Mater* é auctor o sr. Augusto de Lacerda, que em scena, no mesmo palco, tem visto outros trabalhos seus. Este revela observação, tem intensidade dramatica e a linguagem theatral accusa um progresso manifesto com relação ás outras peças do mesmo auctor.

Pelo valor do original, e pelo desempenho que foi correctissimo, principalmente confiado a Ferreira da Silva, a Fernando Maia, a Cecilia Machado, a Augusta Cordeiro e a Joaquim Costa, a *Terra Mater* foi sancionada pelo publico, que a consagrou com applausos á obra e ao auctor.

A outra peça *Os filhos alheios* é simplesmente uma obra prima, em que a grande arte e o impecavel *savoir faire* de Brioux se ostenta em todo o seu brilho. E' o divorcio tratado por uma forma nova, é o problema insolvel dos filhos apresentado n'uma das suas phases mais dramaticas, sob um aspecto essencialmente theatral. E' um drama intimo, vivo, intenso, communicativo. E' uma obra de arte, enfim, que eleva a um plano muito alto o nome de Brioux.

O sr. Portugal da Silva por na versão portugueza consciencia de escriptor e cunho de artista.

No desempenho sobresahiu Palmyra Bastos, que fez o seu apparecimento n'aquelle theatro e veio confrimar palavras nossas, ha muito escriptas sobre o valor especial das suas qualidades dramaticas. E' uma actriz de grandes recursos, que á larga manifesta e accentua no drama.

Foi um desempenho digno de todos os louvores que temos o vivo prazer de... lhe não ragatear.

Ferreira da Silva e Fernando Maia, sempre artistas primorosos, e Carolina Falco, Joaquim Costa, Carlos Santos, deram todos ao desempenho de *Os filhos alheios* uma excellente interpretação.

Até que finalmente temos em scena na **Trindade** uma peça para todos os paladares, com todos os requesitos da opereta moderna, graça a valer, intriga que durante tres horas atrae e quanto a imaginação, apparatus militar, amores, cidades, imprevistos, musica deliciosa, e por sobre tudo isto, o cão do regimento, *personagem* essencial e indispensavel da peça, figura sem a qual ella não tinha razão de ser, achado feliz, que deu á opereta de Decourcelle titulo, interesse e encanto.

Como peça militar o *Cão do Regimento* é uma das mais *réussies* que em palcos portuguezes tem apparecido. E' que o auctor teve a habilidade de encher de sangue novo um thema velho, de acompanhar com a intriga amorosa, as evoluções da soldadesca, de prender por igual, com o mesmo interesse, os olhos do espectador, avidos de novidades, e a imaginação, sedenta de imprevisível.

Por isso o exito da opereta de Decourcelle realçada pela musica de Varnay, foi em toda a linha, contribuindo para elle em larga escala a scenographia, que é primorosa, e o desempenho, em que tomam parte os bons artistas d'aquelle theatro, que tem hoje evidentemente uma das companhias mais bem organizadas e mais completas.

No *Cão do Regimento*, o publico festeja com os seus melhores e mais justos applausos o trabalho de Amelia Barros, de Alfredo de Carvalho, de Mattos, de Gomes, de Thereza Mattos, e de outros ainda, porque todos se esmeram em dar á opereta um desempenho digno do nome que a precedia.

Chego tarde para falar da revista *Vivinha a saltar!* que continua no **Avenida** a sua carreira feliz. Afinal vale mais tarde que nunca, e nunca é tarde para dizer a verdade. E a verdade é que os srs. Mello Barreto e Camara Lima entraram no Avenida com o pé direito. Não lh'o digo eu, disse lh'o o publico, na noite da sua festa, na 15.ª da *Vivinha a saltar!*

Ora, eu tenho para mim, e se bem me lembro já aqui o disse, que não conheço hoje no theatro portuguez genero mais difficil e menos viavel que a Revista. Não porque a graça tenha fugido, ou se tenha acabado a raça dos escriptores da especialidade. Mas, e sobretudo, porque nas Revistas tudo o que d'antes era permitido... está prohibido. A policia prohibiu as allusões, prohibiu as similhanças, prohibiu as caricaturas a começar pela propria, prohibiu a graça, prohibiu tudo.

D'ahi o meu espanto quando vejo ainda que, apesar de tudo, alguém se abalança ao genero... prohibido; espanto que cresce de ponto quando vejo o publico, como no caso actual, coroar essa empresa com justiça e com applausos.

Por isso merecem louvores sinceros os srs. Mello Barreto e Camara Lima, porque sem transgredirem a feroz lei policial, realisaram um trabalho de theatro que o publico á *chaudes mains* todas as noites aclama. E' que o espirito dos outros, que era o pratinho das antigas revistas, o substituíram elles pelo proprio, e com tal felicidade o espalham pelos dictos, pelas situações, pelos quadros, em que desdobraaram a sua peça, que deram prova de peritos no *métier* e de triumphadores no genero.

O exito tem sido grande, mas seria injusto não confessar que tem parte n'elle o desusado luxo e apparato com que a empresa por em scena a Revista, e o desempenho excellente dos melhores artistas do Avenida, Amelia Pereira, Setta da Silva, Delfina Victor, Roldão, Laura, Gabriella Lucey, Salvaterra, etc. E deverá accrescentar-se, para completar a justiça, que nos trabalhos de

scenographia, Augusto Pina, Carroncini e Eduardo Reis porfiaram em demonstrar que são artistas a valer.

Como estou com as mãos na massa não passarei em claro os *Beijos de Burro*, em scena no theatro popular do **Rato**. Estamos, como vêem, no regimen das revistas, e mais uma vez registo o meu espanto em frente da coragem dos Revisteiros.

Para collaborarem n'esta e fazerem obra de truz deram-se o braço dois dos maiores humoristas que tem Lisboa, Esculapio e Caracoles, e eis-os ahi todas as noites a provarem que *l'union fait la force* e que não ha em Portugal quem resista á graça, quando nada menos de dois se encarregam de a espalhar á farta.

Como os seus collegas do Avenida mediram ambos a responsabilidade em que incorrem perante o veto policial, e como se para carregar com ella um só tivesse insufficiente largura de hombros lá se juntam e lá entendem, e seguem o seu caminho e triumpham em toda a linha. Quer dizer que já se não comprehendem Revistas se não a duo.

A ambos o publico do Rato applaude deveras, e d'essas ovações partilham os artistas, o maestro, o scenographo e o ensaiador dos *Beijos de burro*.

Fecho com o **Colyseu dos Recreios** a resenha theatral d'esta quinzena. E antes de me referir ás duas companhias que estão funcionando no vasto theatro, registarei, sem rodeios, que sobem n'um crescendo as innovações e os serviços com que Antonio Santos está engrandecendo a sua fama de empresario e beneficiando o publico de Lisboa.

Opera a dois tostões já elle lhe forneceu ha muito, e já não era pouco valioso este serviço. Agora, como se para a sua inauguração e para a sua vontade fosse pouco, dá-lhe tambem, e quasi alternadamente, opereta.

Ahi temos pois a funcionarem no Colyseu duas companhias: uma de opereta, outra de opera. N'essas noites o publico deliciau-se com a audição do *Rigoletto*, da *Aida*, do *Hernani*, n'outras como a do *Boccaccio* e do *Duquezinho*. Hoje applaude cantores de opera como o soprano Rosa Vila, o tenor Albani, o barytono Giovacchini, o baixo Pieralli, o tenor Montecchi, no dia seguinte voltam-se ás suas atenções e os seus applausos para artistas de opera comica como o meio soprano Hardi, o barytono Rosa, os comicos Angelino e Jallen, a caracteristica, Rosalia Pangragi, e outros artistas mais, formando todos elles duas *trouper* completas e escolhidas.

Ora, se a valorização de todos estes serviços a uma cidade macambusia como Lisboa não dá um titulo á beneemerencia publica, então, poderá o empresario do Colyseu repetir a phrase celebre:

Ingrata patria, não possuirás meus ossos.

JAYME VICTOR.

Cartaz da quinzena

D. Maria — *Terra Mater*, um acto de Augusto de Lacerda; *Filhos Alheios*, traducção de Portugal da Silva, da peça de Brienne, *Le Berceau*.

D. Amelia — *O coração tem caprichos*; *O Adversario*; *O Heroe do dia*; *O Sub-Prefeito de Chateau Buzard*.

A 22, festa artistica de Lucinda Simões com *Madame Sans-Gêne*.

Trindade — *O cão do regimento*, de Pierre Decourcelles, opereta.

Gymnasio — *Cinematographo*, traducção de Acacio Antunes.

Avenida — *Vivinha a saltar*, revista de Camara Lima e Mello Barreto.

Principe Real — *Jack, o Estripador*, drama, traducção de Eduardo Victorino.

Colyseu dos Recreios — Companhia lyrica de opera e opereta.

Rato — *Beijos de burro*, revista de Caracoles e Esculapio.



A nova bandeira de Infantaria 18